

***Monster High* e o Modelo de Feminilidade na Atualidade**

Juliana Speguen do Canto
Universidade Luterana do Brasil, Torres, RS, Brasil.

Mercês Sant'Anna Ghazzi
Faculdade São Francisco de Assis, Porto Alegre, RS, Brasil.

Resumo: Este artigo busca demonstrar os resultados de uma pesquisa de campo voltada à investigação do modelo de feminilidade presente nas personagens do desenho *Monster High*, com base na teoria norteadora da Psicanálise. Como metodologia de investigação, foi realizado um grupo focal com meninas entre oito e nove anos de idade, buscando escutá-las e, a partir da análise dos dados, averiguar a influência dessas personagens no que se refere à constituição da feminilidade das meninas que a elas tem acesso. A análise dos dados possibilitou a reflexão sobre o quanto o padrão cultural, que se inova a cada geração, impulsionado pelo mercado de consumo, reflete no modo de brincar das crianças, originando produtos que se atualizam e respondem às exigências dos novos tempos, no qual o padrão de mulher relacionado à fragilidade e à maternidade perde espaço para a ousadia, inovação e possibilidades de escolha diferenciadas, o que não conduz, necessariamente, a uma perda da feminilidade. As *Monster High* oferecem várias possibilidades identificatórias às meninas, o que conduziu a uma reflexão sobre a possibilidade que ofertam, tanto de diferenciar-se de um modelo proposto pelos pais, realizando suas próprias escolhas, como de responder a ideais inconscientes, presentes tanto nestes quanto na cultura da atualidade.

Palavras-chave: Feminilidade, Infância, Brincar, Psicanálise.

Monster High: A Reflection About the Feminine Model in our Time

Abstract: This article seeks to show the results of a fieldwork that investigated, based on the psychoanalytical theory, the femininity model portrayed by the characters of *Monster High*. A *focus group* with eight and nine year old girls was made, seeking to listen to them and to analyze the information to verify the influence of those characters on their *construction* of the femininity. The analysis of that information has made possible a reflection on how much the cultural pattern, very often driven by the consumer market, gets transformed at each generation and is reflected by the way children play, creating products that get updated to respond to the demand of new times in which the standard of woman related to fragility and maternity loses space to boldness, innovation and the possibility of making different choices, what does not necessarily lead to a loss of femininity. *Monster High* offers countless possibilities for the girls to relate, leading us to a reflection about the possibility that the characters give these girls to both differentiate themselves from a model that is imposed by their parents, making their own choices, and to respond to unconscious ideals existent in their parents' and in today's culture.

Keywords: Femininity, Childhood, Play, Psychoanalysis.

Monster High y el Modelo de Feminidad en la Actualidad

Resumen: Este artículo busca mostrar los resultados obtenidos por una investigación de campo acerca del modelo de feminidad presente en los personajes del dibujo animado *Monster High*, con base en el Psicoanálisis. Como metodología de investigación, fue hecho un grupo focal, con niñas de ocho y nueve años de edad. Se buscó escucharlas y, a partir del análisis de los datos, averiguar la influencia que tienen sobre ellas esos personajes, en lo que se refiere a la constitución de su propia feminidad. El análisis de los datos possibilitó la reflexión sobre cuánto el patrón cultural, que se renueva en cada generación, impulsado por el mercado de consumo, se refleja en el modo de jugar de las niñas, originando productos que se actualizan y responden a las exigencias de los nuevos tiempos. Tiempos en los que el patrón de mujer relacionado con la fragilidad y la maternidad cede espacio a la osadía, innovación y posibilidades de elección diferenciada; que no conducen necesariamente a una pérdida de feminidad. Las *Monster High* ofrecieron innumerables posibilidades identificadoras a las niñas, lo que condujo a una reflexión sobre las opciones que existen, tanto para diferenciarse de un modelo propuesto por los padres, realizando sus propias elecciones, como para responder a ideales inconscientes, ambos presentes en la cultura de la actualidad.

Palabras clave: Femeneidad, Infancia, Jugar, Psicoanálisis.

Introdução

As *Monster High*, desenho que tem como personagens principais “estilosas” meninas monstros, filhas de personagens famosos e horripilantes, como *Drácula*, *Frankenstein*, *Medusa*, *Lobisomen*, *Monstro do Lago Ness*, *Cleópatra*, entre outros, são o tema de nossa pesquisa. Pretendemos, através delas, discutir o modelo feminino na contemporaneidade. O cenário onde se passam as tramas vividas pelas meninas é a escola *Monster High*, na qual elas enfrentam dramas adolescentes, aventuras, amores juvenis, provas surpresa, entre outras situações. Mas poderíamos encontrá-las em muitos outros locais, onde vemos, atualmente, meninas que não seguem os estilos de beleza mais comuns, meninas que, desde as primeiras escolhas de roupas ou modelos a seguir, encantam-se com padrões estéticos ou de conduta até então pouco esperados para seu sexo. Assim, pretende-se fazer uma análise acerca do modelo feminino proposto por essas meninas monstros, tomando como base a teoria psicanalítica. O foco foi sobre o modelo feminino da atualidade e nas referências trazida pelos desenhos infantis, que se transformam e inovam a cada geração, tendo em vista o caldeirão cultural da sociedade.

Há pouco tempo, despontava ainda a boneca *Barbie*, com seus cabelos loiros, silhueta definida e delicadeza. Hoje destaca-se a *Draculaura*, filha do *Drácula*, que não suporta ouvir a palavra sangue;

a *Frankie Stein*, que se desmonta, perdendo suas mãos, pernas e pés, e se restabelecendo em seguida; a *Clawdeen Wolf*, dona de um estilo selvagem e que necessita de depilação diária, devido à quantidade excessiva de pelos que herdou de seu pai, o *Lobisomen*; a *Cleo de Nile*, filha da *Cleópatra*, dona de um estilo irreverente, e considerada pelas outras monstros “a metida da escola”.

Essas são apenas algumas das *Monster High*, pois existem muitas outras, todas com características próprias e singulares, diferentes em muitos aspectos entre si, seja no estilo de se vestir, seja na forma de se comportar. Todas acenam às meninas possibilidades identificatórias que sugerem uma figura feminina atual, que não mais remete à fragilidade – tão presente no modelo da *Barbie* – a qual, num passado recente, era uma característica esperada entre as mulheres. As *Monster*, isto sim, ofertam variadas possibilidades de exercer a feminilidade nos tempos atuais.

Frente a isto, cabe questionarmos sobre o quanto essa mudança, referente ao modelo feminino proposto pelas bonecas, existe realmente ou demonstra apenas uma transformação de fachada, roupagem e estilo dos personagens, com a mera finalidade de acelerar as vendas para um público cada vez mais ávido de novidades. Assim, a proposta é fazer uma leitura desses representantes, buscando discutir se as mudanças no cenário e caricatura das personagens dos desenhos

infantis, relevantes na cultura atual, significam também a mudança dos desejos, fantasias, anseios, comportamentos e estilo das meninas de hoje, mulheres do amanhã. Cabe refletir, ainda, sobre o quanto essa nova moda, proposta por essas bonecas ousadas, é reflexo do estilo de ser menina da atualidade. Assim, buscamos analisar o quanto estas bonecas retratam o meio social e cultural no qual estamos imersos, apresentando a figura feminina da atualidade, mas também de que modo a influência está presente na forma de subjetivação das meninas, apontando para os novos tempos, e para diferentes possibilidades identificatórias no que se refere à feminilidade.

Método

Foi realizada uma pesquisa de campo que, segundo Mynaio e Deslandes (2008), permite a aproximação do pesquisador com a realidade sobre a qual quer investigar, estabelecendo uma relação com os pesquisados e propiciando a construção de um conhecimento lastreado empiricamente. Para tanto, foi realizado um grupo focal com meninas com idade entre oito e nove anos, no qual surgiram dados que nos permitiram realizar uma discussão inicial acerca do assunto.

O grupo ocorreu nas dependências de uma escola. Após a exibição de um episódio do desenho *Monster High*, as meninas foram reunidas em um círculo a fim de que pudessem falar livremente sobre o assunto em questão, bem como mostrar os materiais referentes ao tema proposto, tais como as bonecas e acessórios que haviam levado para contribuir com a pesquisa. Victora, Knauth e Hassen (2000) ressaltam que o fundamental para o sucesso do grupo focal é que exista um foco, ou seja, um tópico a ser explorado. Desta forma, o grupo focal aborda um tema, um grupo ou ambos, visando captar as diferentes visões sobre um assunto específico e entender em profundidade sobre um comportamento dentro de um grupo determinado.

Posteriormente, os dados foram analisados por meio da análise de conteúdo, que consiste num conjunto de técnicas de análise das comunicações, buscando obter, através de procedimentos que descrevem as mensagens indicadoras, a inferência de conhecimentos relativos à produção e recepção das mensagens (Minayo, & Deslandes, 2008). Dessa forma, é possível analisar os conteúdos a partir da perspectiva qualitativa, considerando o que está por

trás dos conteúdos manifestos, aprofundando o que está sendo comunicado.

A feminilidade na teoria psicanalítica

Adotando o nome de histeria, mesmo que apoiado nas evidências de uma sintomatologia já classificada pelo discurso psiquiátrico, Freud foi um dos primeiros a escutar a *crise* que as mulheres vinham atravessando, ou seja, foi além, ouvindo outras coisas as quais a psiquiatria raramente mencionava em relação às mulheres. O fato das mulheres apresentarem uma recusa em aceitar a feminilidade como modelo de subjetivação deve tê-lo colocado também em uma crise, uma vez que o próprio autor compartilhava do “ideal admirável a que a natureza destinou as mulheres” (Kehl, 1998, p. 226).

Ao longo do desenvolvimento de sua teoria sobre a feminilidade e a sexualidade feminina, baseado na observação clínica, Freud não reformulou fundamentalmente sua concepção sobre o que deveria ser uma mulher, alertando para o fato de que não existe quem seja, desde a sua origem, homem ou mulher. Mostra em sua obra, ainda, que, se todo homem fica devendo algo ao falo, que, espera-se ser capaz de sustentar, também para as mulheres, a condição feminina significa uma derrota de outras pretensões (Kehl, 1998).

Ao inaugurar seus estudos escutando as históricas, para, a partir delas, desvelar o sexual da neurose e posteriormente o infantil da sexualidade, Freud parece pouco disposto a sustentar as consequências de suas descobertas, uma vez que seus textos no final da vida oscilam entre a “decepção – a psicanálise seria incapaz de curar as mulheres, desajustadas dos ideais de feminilidade? – e a “perplexidade – afinal, ninguém poderia saber o que quer uma mulher” (Kehl, 1998, p. 226).

“Continente Negro”, “O que quer uma mulher?” são as formas com que Freud descreveu e lançou questões para pensar a feminilidade. Definida como “continente negro”, Freud afirma que, “através da história, as pessoas têm quebrado a cabeça com o enigma da feminilidade” (Freud, 1932/1996, p. 114), deixando claro, em sua obra, que nunca encerrou a questão sobre a sexualidade feminina.

Nos “Três Ensaios sobre Sexualidade” (1905), Freud propõe as bases essenciais de sua concepção de feminilidade, lançando a hipótese de que, até a puberdade, o único órgão sexual reconhecido pelas crianças nos dois sexos é o masculino - pênis no menino e na

menina o clitóris, seu correspondente. Sinaliza a inveja do pênis pela menina e o complexo de castração nos dois sexos. No início de seu trabalho, Freud ainda não diferencia os dois sexos até a puberdade, não fazendo distinção entre feminino e masculino, e não sendo muito preciso em relação ao Complexo de Édipo com o complexo de castração nos meninos e meninas (Silva, & Folberg, 2008).

No período inicial dos estudos freudianos, prevalece a crença infantil na universalidade do pênis. O menino investe e supervaloriza narcisicamente o seu pênis, levantando questões ligadas ao enigma da sexualidade, movido por curiosidade. Não obtendo respostas esclarecedoras, começa a fantasiar “teorias” sexuais que se transformam, para ele, numa verdadeira crença. Entre essas crenças, a de que todos os seres humanos têm um pênis, se sobressai, sendo então evidente para o menino que todos tenham um órgão igual ao seu, e quem não o tem, ainda vai tê-lo ou então foi castrado, é o que nos afirma Freud (1905/1996) em seu trabalho. Por outro lado, as meninas, sentindo-se injustiçadas com a ausência do pênis, declaram que querem “ter uma coisa assim também”, tornando-se vítimas da inveja do pênis (Freud, 1932/1996).

Em “Três Ensaio”, Freud foi levado a descrever a feminilidade como inferior, pois aquele que possuía o pênis era valorizado em relação àquela que não possuía, correlacionando, numa perspectiva biológica, o fático à posse do pênis e o castrado à sua ausência. Mesmo após a introdução da fase fálica, seus textos continuaram ressaltando a questão da inferioridade feminina, afirmando que a “vaidade” e o “pudor” têm a finalidade de compensar e ocultar “a inferioridade sexual originária da mulher” (Bonfim, & Vidal, 2009). Nota-se que Freud valoriza, nesta altura de seu trabalho, a relação, frequentemente estabelecida, do ponto de vista psicológico, entre passividade e atividade, feminina e masculina, respectivamente. Assim, nesse contexto, a libido, por causa de sua atividade, é de natureza masculina (Bonfim, & Vidal, 2009). Mais adiante, em sua conferência sobre feminilidade, Freud (1932/1996) afirma, considerando a importância dos produtos sexuais - óvulo e sêmen - que “aquilo que constitui a masculinidade ou a feminilidade é uma característica desconhecida que foge do alcance da anatomia” (p. 115).

A partir dessas afirmações, Freud destaca que poderia ser considerada uma característica psicológica da feminilidade dar preferência a fins passivos,

e não a passividade como característica e designação feminina (Freud, 1932/1996). Ressalta que as mulheres podem ter preferência pelo comportamento passivo, com base na sua participação na função sexual, adotando fins passivos à sua vida, em maior ou menor grau, tendo sua vida sexual como modelo: “devemos, contudo nos acautelar nesse ponto, para não subestimar a influência dos costumes sociais que, de forma semelhante, compelem as mulheres a uma situação passiva” (Freud, 1932/1996, p. 116).

Em 1924, Freud escreve “A dissolução do complexo de Édipo”, buscando estudar os motivos do Complexo de Édipo e enfatizando a diferença no curso do desenvolvimento da sexualidade nos dois sexos. No entanto, a concepção de que a verdadeira organização genital está ausente até a puberdade segue em seus trabalhos. O menino viverá o complexo de castração, a partir do conflito entre seus desejos libidinosos dirigidos à mãe e ao interesse narcísico dirigido ao pênis, normalmente prevalecendo o segundo caso (Silva, & Folberg, 2008).

A menina, primeiramente, e da mesma forma que o menino, volta-se para a mãe, num desejo incestuoso de possuí-la e que será seguido de ser possuída pelo pai (Nasio, 2007). Despertada pela visão do pênis no menino, a menina será levada ao sentimento de inveja por não possuir o mesmo apêndice que ele, compensando sua falta. Vendo que a mãe também não possui, ou seja, é castrada tanto quanto ela, a menina sente-se enganada e volta-se contra a mãe, numa tentativa de “vingar-se” de ter sido privada de possuir o falo. Sendo assim, a menina então volta-se para o pai, a fim de reivindicar seu poder e sua potência, porém esbarra na negativa deste (Nasio, 2007). Dessa forma, o complexo de castração na menina a faz voltar-se para o pai para tentar substituir a falta do pênis, sendo então, o desejo de possuir um filho do pai, em substituição ao apêndice faltante, o promotor do Édipo feminino.

Não sendo possível realizar o desejo de ter um filho do pai, a menina afasta-se deste. Por já ser castrada, não teme a castração, portanto, enquanto no menino o Superego se forma pela introjeção da autoridade paterna, na menina são outros fatores que agirão, tais como a educação, intimidação e o temor de não ser mais amada (Silva, & Folberg, 2008).

A posse de um falo, na teoria freudiana, segue sendo a grande aspiração para homens e mulheres, sendo a feminilidade a “parte maldita”, enquanto representante da castração. Na teoria psicanalítica,

como afirma Soler (2005), o Édipo é convocado para explicar o tornar-se homem ou mulher, fundando o par sexual a partir das proibições e dos ideais do sexo. Portanto, a feminilidade da mulher deriva de seu “ser castrada”, o que corresponde dizer que a falta fálica a incita a se voltar para o amor de um homem, primeiro o pai, depois o cônjuge. “A possibilidade do par heterossexual e a maternidade feliz são reguladas por uma identificação ideal que é condicionada pelo complexo de castração” (p. 27).

“A substituição da mãe pelo pai no Édipo feminino só tem, de fato, como consequência a produção do significado novo que seria esperado, ou seja, o sinal de uma identidade propriamente feminina” (André, 1994, p. 189). Dessa forma, diante do fracasso parcial da metáfora paterna, a menina depara-se com três opções: ou aceita sua falta de identidade e se presta à mascarada fálica, a qual a convida à lei do significante; se obstina numa reivindicação do tipo histérico, recusando o que considera uma derrota; ou, ainda, retorna à posição anterior, assumindo uma posição masculina, como a homossexual. Dessa forma, compreendemos, de acordo com André (1994), que tanto para a menina quanto para o menino, o ponto de partida é o desejo da mãe, tanto o desejo da mãe pela criança, como o desejo da criança pela mãe. Lacan apresenta isso em seu seminário: As formações do inconsciente, quando nos fala que só existe uma maneira de desejar, independentemente de qual seja o sexo, que é aquela que emerge da relação com a mãe.

No desejo da mãe pela filha, a criança ocupa a posição daquilo que vem tamponar a falta que causa o desejo: a criança faz de sua mãe uma mulher fálica, toda, preenchida. André (1994) salienta que o “desejo da mãe pela criança passa, pois, por uma condição, é que a criança, enquanto objeto *a*, seja revestida de um imaginário que permitia à mãe ao mesmo tempo não reconhecê-la e suportá-la nesse lugar de objeto” (p. 193). Essa correlação informa sobre a libido objeto e a libido do eu, constituindo-se como um ponto de apoio ou de oposição para o movimento de revolta contra a passividade, pelo qual a criança vai buscar um ponto de referência para si no desejo que a mãe desenvolve em relação à ela.

A criança quer se identificar com a criança imaginária que responderia à falta da mãe, reconhecendo sua mãe como faltosa daquilo que gostaria de preencher. Por conseguinte, ela tem que romper com a ideia de todo-poderio do primeiro Outro. Nessa

brecha que se inscreve o Outro materno, a instância paterna pode encontrar sua função de ponto de parada e de referência da falta inscrita no desejo da mãe. Dessa forma, o falo, apenas imaginário na relação mãe-criança, pode receber seu fundamento simbólico pelo lado do pai. Este desenvolvimento para a menina, ainda que ofereça uma saída para a dependência materna, origina uma profunda insatisfação, “tudo o que lhe é significado aqui como ponto de referência se situa, com efeito, no registro fálico e deixa à sombra o que constituiria a feminilidade” (André, 1994, p. 194).

Masculino e feminino como atributos da cultura

De acordo com Kehl (2002), Freud faz uma diferenciação entre homens e mulheres, cabendo aos homens a função de manutenção do papel social e da construção da cultura. Quanto às mulheres, definem-se a partir do corpo e sua inevitável função procriadora, a quem é preciso coibir, inibir, refrear, de modo a desenvolver nela o recato sexual e o pudor, cabendo, então, somente ao homem sustentar uma posição viril. A teoria psicanalítica de Freud afirma, como entende Valdivia (1997, p. 21), “que os dados anatômicos seriam insuficientes para definir o que é masculino e feminino, atribuídos na cultura, às funções reais e simbólicas inerentes ao homem e a mulher”. Desta forma, o masculino equivale ao ativo e o feminino ao passivo, podendo ainda ser influenciados pela cultura e pelo social.

Kehl (1998) afirma que o discurso da cultura europeia nos séculos XVIII e XIX era o de que a mulher evocava uma série de atributos, funções, predicados e restrições, o que se denominava feminilidade. A natureza feminina necessitava ser domada pela sociedade e educação, pois somente desta forma é que seria possível à mulher cumprir o destino a que estava designada naturalmente. A questão da feminilidade se restringia à particularidade do corpo e de sua capacidade procriadora, atribuindo às mulheres um único lugar social, restrito à família, ao espaço doméstico e à maternidade. Além disso, para que pudessem corresponder da melhor forma ao que era esperado delas, as mulheres deveriam ostentar as virtudes próprias da feminilidade, como o recato, a docilidade e receptividade em relação aos desejos e necessidades dos homens e dos filhos.

A partir do século XVIII, surgiu a “histerização do corpo da mulher”, que consistia em um dispositivo de saber e poder sobre o sexo, sendo entendido como “um conjunto de estratégias produtoras de uma “sexualidade feminina”: uma sexualidade adequada ao lugar que deve ser ocupado pela mulher na família burguesa” (Kehl, 1998, p. 59). Essa histerização era produzida pelo discurso consistente com a função de indicar às mulheres um único lugar, a família, de acordo com a sua verdadeira natureza, a feminilidade. Kehl (1998) infere que:

A insistência com que pensadores e cientistas afirmam que o único lugar digno para a mulher é o lar e sua tarefa mais valiosa é aquela para a qual sua natureza a preparou – a maternidade – pode ser vista como reação a um início de desordem social que se esboça no sec. XVII e se torna alarmante no final do XVIII, quando a Revolução Francesa destrói as fronteiras que no Antigo Regime separavam a esfera pública da vida privada (p. 60).

Em meio a esses deslocamentos, entre a esfera pública e privada, que as mulheres saíram às ruas e deixaram seus antigos postos, com sede de participação cívica e inobediência revolucionária, buscando desmontar a ordem de “sociedade natural”, em que a mulher era o súdito e o homem o poder. A revolução deu às mulheres a oportunidade de compreender que não eram crianças, e sim seres humanos completos capazes de fruírem e exercerem seus direitos (Kehl, 1998).

Alves (2002) destaca que a construção de um modelo para a mulher se deve às práticas e organizações da sociedade burguesa capitalista, sustentadas na divisão sexual do trabalho, delimitando espaços de atuação distintos para homens e mulheres e, também, por meio da perpetuação dos papéis diante das práticas sociais. A persistência dos modelos e a divisão sexual das tarefas na sociedade burguesa possibilitou a construção de três modelos distintos de comportamento para as mulheres: a mulher-anjo, a mulher-sedução (ambas aceitas pela sociedade) e a mulher-demônio, que designaria a prostituta no final do século XIX, ampliando-se, também, às mulheres intelectuais e aquelas que se recusavam a seguir o modelo idealizado e aceito pela sociedade burguesa.

Aran (2000) situa que uma das mais importantes revoluções do século XX foi a revolução feminina, impondo uma mudança significativa na cultura,

exigindo uma nova reflexão sobre a questão das diferenças entre os sexos. O lançamento do livro “O Segundo Sexo”, de Simone de Beauvoir (1980) no ano de 1949, foi considerado a marca do movimento feminista contemporâneo provocando debates sobre os destinos dos movimentos feministas da última metade do século e, também, sobre os impasses da luta das mulheres pela conquista de seus direitos.

Os movimentos a favor das mulheres e as diversas conquistas adquiridas foram, ao longo dos anos, configurando um novo quadro da feminilidade. Os desejos entraram em cena, e a força para ir em busca de melhores condições também. De acordo com Aran (2000), a ascensão da mulher foi proporcionando mudanças nos mais variados setores, tanto no social, como no familiar e pessoal. A crise crescente no modelo da família nuclear configura-se como um retrato das mudanças atravessadas pelas mulheres através dos séculos. Torna-se comum, nos dias atuais, mulheres chefiarem famílias. Essa crise no modelo familiar foi associada, também, à diminuição da taxa de fecundidade, à queda da nupcialidade e ao aumento do número de divórcios e separações.

Gomes (2000) afirma que, diante dos avanços da participação da mulher na sociedade, é possível observar que os ideais femininos de hoje são outros e não giram mais somente em torno da maternidade e na busca por uma família e parceiro ideal. As aspirações femininas mudaram muito nos últimos séculos e agora tornou-se possível assumir e ir em busca de seu desejo. Essa mudança também no que diz respeito às representantes femininas, como as bonecas, o principal brinquedo pertencente às meninas. As *Monster High* parecem ser um belo exemplo, visto que os brinquedos e os desenhos infantis foram gradativamente se atualizando, buscando demonstrar por meio de suas personagens um novo conceito no que se refere à feminilidade. Gomes (2000, p. 5) nos afirma que, “como personificação de “bondade”, as figuras de princesas propagam mitos profundamente entranhados em nossa cultura, entre os quais centra-se o da “felicidade encontrada no amor romântico com o par ideal”, o que vem sendo mudado através dos tempos.

Seguindo nessa linha das princesas, antes tínhamos como principal ícone infantil a boneca *Barbie*, retratando a felicidade através do recato feminino, da formação de uma família com um parceiro e filho tão belos quanto ela, constituindo um modo de ser feminino baseado em parâmetros “corretos de bom

comportamento”, beleza jovial e idealização de um príncipe encantado (Gomes, 2000). Segundo Corso e Corso (2011), novos tempos pedem novas ficções e novas mulheres precisam de novas heroínas; portanto, os ídolos infantis femininos estão colocando-se em cena com outros perfis, nos quais não mais se privilegia a ascensão à maternidade, o encontro do amor romântico e ideal, e sim a busca por outros objetivos, como os estudos, carreira profissional, e ainda, a busca por um parceiro amoroso, porém dentro das novas condições de relacionamento que imperam na atualidade, sem o pesado fardo da submissão feminina.

Brincar de vir a ser menina

É na infância que se iniciam as questões da feminilidade, quando a menina brinca de bonecas, de princesa, de usar o sapato de sua mãe, entre tantas outras demonstrações. É através do brincar do vir a ser, que a feminilidade se configura, e é a partir do brincar que a menina virá a ser mulher.

De acordo com Ariès (2011), é recente na história da humanidade a concepção de infância como faixa etária. Anteriormente a criança era vista como um adulto em miniatura, e somente a partir do século XVII é que as noções de infantil começaram a aparecer. Atualmente, a concepção sobre as crianças e o brincar mudou significativamente. De acordo com Kupfer et al. (2009), o brincar é um modo de expressar, de maneira associativa, as fantasias inconscientes da criança. Portanto, é perfeitamente saudável e constitutivo na criança as brincadeiras de faz de conta, onde ela mostra, através das relações com o outro, uma rede de significações. Mais do que as fantasias, é por meio dos brinquedos que a criança expressa limites, falhas, preocupações, dificuldades, conflitos e angústias. Di Paolo e Barros (2010) nos dizem, ainda, que é através do brincar que as crianças expressam as formulações singulares sobre si, sua família e sobre o mundo cada vez maior e mais complexo que está a conhecer.

Di Paolo e Barros (2010) entende que o brincar está a serviço da construção da própria história da criança. O “vamos fazer de conta” marca um processo de diferenciação eu-outro e eu-mundo, que deve ser construído por este sujeito em constituição. Na criança, o imaginário ocupa uma posição privilegiada, de “constituir o lugar de ensaio de antecipação do que ainda está por vir” (Jerusalinsky, 2004, p. 125), o que torna tênue para a criança o limite entre fantasia e realidade.

Identificar a brincadeira como um “vir a ser”, constitutivo para a criança, leva a pensar a representação que as brincadeiras infantis têm como uma projeção do futuro, no que diz respeito a uma menina vir a tornar-se mulher, constituir-se como ser feminino. É importante considerar, também, o atravessamento social presente nessa concepção de feminino e masculino, que perdura através dos tempos. Na teoria psicanalítica, como nos afirma Soler (2005), o Édipo é convocado para explicar o tornar-se homem ou mulher, fundando o par sexual a partir das proibições e dos ideais do sexo. Portanto, a feminilidade da mulher deriva de seu “ser castrada”.

Tavares (1996) refere ainda que, quando a criança nasce, através do ideal, seus pais a colocam numa posição antecipada, pois quando a referem como “a princesa”, mesmo que não exista um reino encantado com príncipes e princesas, estão a colocando numa posição idealizada, sendo necessário esperar o que ela irá responder no futuro. “A criança se vê, por um lado, confrontada com um saber Outro sobre ela, no qual poderia vir a se alienar de um modo absoluto, fazer ecolalia, ser tão somente o que esse Outro deseja nela” (p. 60). Mas, por outro lado, se encontra diante de um espaço, um intervalo, deixado para que ela venha a saber. “É nesse intervalo entre a alienação e a castração que ela vai apresentar o que se chama sintomas de infância, que não são os sintomas clínicos, mas derivados dessa particular posição da subjetividade na infância” (p. 60). Dessa forma, por meio da brincadeira, a criança vai construir uma ponte, entre a insuficiência e o ideal do Outro, e é nessa brecha e no brincar do vir a ser que abre-se a possibilidade de articular um saber próprio, brincando de vir a ser grande (Tavares, 1996).

Resultados e Discussão

Os resultados obtidos serão apresentados e discutidos com base em três categorias distintas: As diferentes apresentações do feminino: *Barbie* e *Monster*; Influência Cultural e a Lógica do Consumo; Identificações Femininas.

Os filmes atuais, muitos deles sobre vampiros, feitiços e monstros, nos mostram que a menina não é mais a princesa que espera pela salvação vinda por meio do príncipe encantado, pelo contrário, é ela quem faz sua própria história. Heroínas como *Fiona*, de *Shrek*, *Mérida*, de *Valente* e *Anna e Elsa*, do recente

Frozen, influenciam e são influenciadas pelo discurso sobre o “vir a ser” mulher na atualidade. Diante das conquistas obtidas pelas mulheres, configurou-se um novo quadro acerca da feminilidade, e isto está retratado também nos desenhos infantis e nas brincadeiras, que se transformam através do tempo e da cultura.

As diferentes apresentações do feminino: Barbie e Monster

De acordo com Jerusalinsky (2013), as gatas borralheiras, damas decorativas e obedientes, que ficavam em casa cuidando da prole, abandonaram seus bordados e afazeres domésticos para trabalhar e estudar. Indica um tempo em que o império patriarcal reinava absoluto que, com as conquistas femininas, começou a ruir. O homem era quem sustentava a família enquanto a mulher ficava recolhida. Pois bem, elas passaram a sustentar a família, compartilhar o comando do casal, tomar decisões, exercer autoridade e reivindicar seu gozo sexual, ou seja, as mulheres assumiram posições ocupadas pelos homens, fazendo a transformação não somente da figura feminina, como também dos desejos.

Esse é um recorte importante, uma vez que apareceu por diversas vezes na fala das meninas, principalmente na comparação com as *Barbies*, o quanto as *Monster High* refletem essas conquistas. Para elas, “as *Monster* são diferentes”, “as *Monster* usam outras cores”, enquanto as *Barbies* “só usam rosa”. Ou seja, a questão da liberdade para ousar, da diferença em relação a outras *Monster*, abre espaço para as diferenças, para usar o diferente, e principalmente gostar do diferente.

O padrão de beleza e de modelo feminino apareceu de forma expressiva no grupo, fazendo refletir sobre o quanto foi se transformando ao longo do tempo. O que antes era representado pela *Barbie*, demonstrado por meio de uma categorização, de um enquadramento em um padrão, tal como usar rosa e ser loira, a representação do que era ser uma mulher de sucesso, já não está mais no centro dos desejos femininos, uma vez que as *Monster* acenam a novas configurações, tanto de estilo de roupa, quanto de cabelo e mesmo de comportamento. Portanto, ser loira e usar rosa, de acordo com as nossas entrevistadas, agora não ocupa mais o lugar de objeto de desejo de todas as mulheres. De acordo com a fala das meninas, “prefiro as *Monster*, as *Barbies* são normais, são todas iguais [...] a roupa é sempre a mesma, é sempre a mesma

cor”. Cabe apenas frisarmos que, apesar desse gosto e atração pelo diferente, nem tudo mudou de forma tão radical assim, visto que todas as *Monster*, apesar de suas peculiaridades, são magérrimas, o que ainda nos diz de um padrão de beleza estabelecido e cristalizado, referindo ao corpo magro, sinônimo único de beleza, pois, como ressalta Corso (2014, p. 1), “a gordura ainda é imperdoável até entre as monstras”.

As meninas destacaram ainda, o quanto a beleza *Monster* é linda, porém somente para as *Monster*: “eu acho que, pra *Monster*, ela tá bonita sabe, mas se fosse uma pessoa usando eu não acharia bonito [...] imagina, pintar os cabelos de preto e branco! Vixi, que horror!”. Isso nos faz refletir sobre a indústria da moda e de quais artifícios ela se utiliza para lançar tendências, atingindo em sua grande maioria, o público feminino. Erner (2012) destaca que o lançamento de tendências não se baseia em nenhum método analítico, e que apesar de cada agência ter suas peculiaridades, o enfoque acaba sendo sempre o mesmo. Primeiramente, cria-se um marco de palavras que definem a época, tais como rebelião, feminilidade, ecologia etc. Pensando nessas palavras representativas de temas atuais, os criadores agem como radares, usando de suas inspirações bem como se empreendem a buscar ideias em outros âmbitos, que não unicamente no setor têxtil. Por meio dessa passagem, é permitido fazer uma ligação com a próxima categoria de análise, que aponta para a questão cultural.

Influência cultural e a lógica do consumo

Considerando a influência dos desenhos também no âmbito do consumo, foi possível identificar que os artifícios usados consistem na atenção ao que o público está consumindo, ao que está evidente e, principalmente, ao que está informando sobre o momento cultural atual. A saga dos monstros, representado não somente pelas *Monster High*, tendo em vista que elas também são produtos da cultura, dão um indicativo de que mais do que operar transformações nas formas de subjetivação, o que consiste questão individual de cada sujeito, a influência configura-se como uma questão abrangente, que compreende não somente o sujeito enquanto único, mas também ocasionando modificações no caldo cultural no qual ele está envolvido. Esse aspecto reflete a importância e diferença que personagens assim, tais como as *Monster*, que acenam a novas configurações, a novas formas de comportar-se, vestir-se e simplesmente ser, exercem na vida das meninas.

É relevante refletir, também, acerca da relação consumo e cultura, ou seja, o quanto esses personagens estão a favor do mercado de consumo atual, pois com essas inúmeras possibilidades – a necessidade de consumir várias, de possuir todos os modelos de bonecas –, a sociedade passa a consumir a cultura de rapidamente se extinguir o que não está em evidência. Nessa direção, Bauman (2011) aponta que a nova geração tende a se preocupar menos com o futuro do que seus pais, concentrando-se no aqui e agora, focando em uma vida de prazeres e consumo imediatos. A exigência é: consuma, consuma, consuma! Bauman (2011, p. 54) ressalta ainda que “a consequência inesperada e inescapável disso é o desaparecimento dos laços afetivos com os objetos adquiridos: o que conta é o momento da aquisição – não a amizade duradoura”. E sim, as bonecas acenam a essa exigência, uma vez que, enquanto brinquedos, existem em diversos exemplares, convidando as crianças a adquirirem todos os modelos.

Cabe a reflexão sobre a lógica do consumo, que se fortalece na cultura ocidental, e o quanto ela atinge também o público infantil ao seduzi-lo com uma vastíssima gama de produtos referentes aos seus personagens preferidos e idolatrados, que vai do vestuário aos brinquedos: “eu tenho o chinelo da *Monster High*, a sapatilha, o tênis, o travesseiro [...] ela tem 20 *Monster High* [...] eu trouxe sete, mais a mochila e mais o diário das *Monster* [...]”. Porém, não podemos deixar de refletir o quanto este consumo de objetos referentes ao feminino está relacionado com a falta, no sentido que a psicanálise dá a este termo, ou seja, as mulheres consomem para recobrir a falta, fazendo a mascarada fálica (André, 1994). Diante disso, podemos pensar que as mulheres, ao servirem-se dos atributos e adereços que a cultura sinaliza como indicadores femininos e ideais de beleza estão à procura de uma forma de elaborar sua castração. No entanto, é necessário que seja uma relação saudável, sem o sofrimento psíquico que a aprisionaria na busca de se adequar aos padrões estéticos socialmente estabelecidos (Silva, & Rey, 2011).

Identificações femininas

A fala das meninas aponta uma mudança no vir a ser mulher, no que diz respeito aos desejos e às possíveis formas de identificação, abrindo outras possibilidades. Hall (2006) entende que a psicanálise enfatiza

que a imagem do eu não se desenvolve a partir do interior do núcleo de ser da criança, e sim na relação com os outros, principalmente nas complexas negociações psíquicas inconscientes, entre as crianças e as fantasias que ela tem de suas figuras materna e paterna. Partindo do pressuposto de que o eu se forma, ao longo do tempo, por processos inconscientes, das identificações, entende-se que há sempre algo “imaginário” ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece incompleta, estando sempre em “processo”, em formação (Hall, 2006).

Considerando essa “incompletude”, ressalta-se que, atualmente, são muitas as identificações que uma menina possui, além das fantasias referentes à figura materna, existem também outras formas que uma mulher pode tomar, e as *Monster High* representam isso, pois são muitas, são diferentes, ousadas, estilosas e podem apresentar-se muito distantes da imagem de suas mães. Como destaca Jerusalinsky (2013), antes a mulher ambicionava ser mãe, este era o desejo feminino, o que hoje tornou-se menos importante em suas vidas, cedendo então espaço para realizações sociais e culturais, que vieram a ocupar o clássico lugar de realização da feminilidade. A menina, hoje, pode transformar-se, pode ousar, tanto nos desejos, quanto nos comportamentos e no vestuário.

Tomando a questão da identificação ao pai, que aparece de forma acentuada nas *Monster*, tendo em vista suas características físicas, cabe considerarmos as distintas possibilidades existentes hoje de uma mulher tornar-se falicizada. O que antes era demarcado pela equação filho = falo, hoje configura-se em outros aspectos, pois a cultura abre um leque de possibilidades ao feminino, tal qual a escolha da profissão, que pode vir a ser uma sequência da profissão paterna, tornando-a reconhecida e valorizada, ou seja, possuidora do falo.

De acordo com a teoria psicanalítica, representada por Lacan, a “identificação é o nome que serve para designar o nascimento de uma nova instância psíquica, a produção de um novo sujeito” (Nasio, 1997, p. 101). Sendo assim, é possível compreender a importância que a identificação com os objetos representa no “vir a ser”, na constituição do sujeito. Na escuta das meninas, podemos compreender o que faz com que elas se atraiam mais por determinada personagem do que por outra. “[...] eu gosto tipo assim, porque cada um tem seu jeito de ser assim, na vida real, então cada uma escolhe a boneca que tu acha que é o teu jeito

[...] eu achei rock and roll, por isso gosto dela, ela é rockeira e eu gosto de rock”.

A identificação significa que “a coisa com a qual o eu se identifica é a causa do eu, ou seja, o papel ativo anteriormente desempenhado pelo eu é, no momento, garantido pelo objeto” (Nasio, 1997, p. 102). Dessa forma, observou-se, na fala das meninas, o quanto elas se identificam com as personagens, podendo a partir daí fantasiar possibilidades de constituição, possibilidades de diversificar a imagem de si mesmo, com base em suas personagens preferidas. Essas são escolhidas de acordo com o que gostariam de ter delas em si, ou seja, de acordo com os diversos atributos distribuídos nas bonecas, mas também, numa identificação ao grupo de outras meninas que também tomam as bonecas como modelo identificatório. “Como eu gosto de todas, eu gostaria de ser um pouquinho de cada uma, de ter a mão de uma, a luva de outra, a calça de outra, a bota de outra [...] como as *Monster High* podem mudar, a gente também pode mudar de jeito de ser, de estilo de usar. Ao invés de usar sempre a mesma cor de pele, sempre o mesmo jeito de ser, descobri que a gente pode mudar, transformar as coisas”.

Frente a tantas possibilidades identificatórias que se apresentam na atualidade, o desenho *Monster High* cumpre essa finalidade, visto que o próprio lema “seja você mesmo, seja único, seja um monstro”, é um indicativo de escolha. Dentre tantas opções as quais engloba a constituição de um sujeito, a possibilidade de ser único, chama atenção na fala das meninas, pois diante dos modelos atuais, dos diversos papéis que as mulheres ocupam na sociedade, a imagem de menina, de mulher, caracteriza-se como uma mistura de várias. Isto ficou exemplificado no discurso das pesquisadas, e é o diferencial e o que as fazem preferir as personagens do desenho às *Barbies*, por exemplo.

“[...] minha babá acha elas feias [...] meu pai acha elas feias, mas eu digo pra ele que não, que elas são bonitas [...]” e assim abre-se a possibilidade de discordar dos pais, possibilitando a diferenciação entre a criança e seus pais, entre suas escolhas e a de seus pais. Tavares (1996) salienta o quanto o ser humano, diferentemente de outras espécies, apresenta uma deficiência instintiva, o que significa dizer que ao nascer dependem excessivamente de outros, para alimentar-se, para não passar frio e mesmo para que seja apresentado ao mundo. Obviamente, esse saber oferecido pelo Outro refere-se ao saber e ideais de cada pai e mãe, bem como da família e dos ideais

sociais de cada época. As personagens, sendo produtos sociais de épocas distintas de seus pais, abrem essa opção identificatória às meninas, discordante em relação aos ideais de seus pais. Ao mesmo tempo em que isso ocorre, observa-se que as *Monster*, de forma distinta das *Barbies*, por exemplo, tem pais, são filhas de temidos monstros, que por décadas assustaram as crianças, e hoje, suas filhas, diversamente do modelo habitual representativo de um monstro, encantam as crianças. As características herdadas dos seus genitores são o que as tornam diferentes, ou seja, a herança genética/simbólica está presente e o conteúdo trazido de seus pais também.

Por fim, uma questão: afinal, apesar de muitos pais e mães ainda estarem de acordo com modelos identificatórios anteriores no que se refere à feminilidade, não haveria algo de uma diferença, algo de novo que escapa e que é captado pelas meninas ao se identificarem com bonecas tão diferentes?

Conclusão

Este estudo, com base em uma amostra de conveniência, representada pelas meninas pesquisadas, possibilitou discutir, de acordo com as três categorias que emergiram dos resultados, o quanto as personagens do desenho *Monster High* representam a atualidade do modelo feminino, considerando o que Corso (2014) ressalta sobre o quanto as heroínas dos desenhos animados, via de regra, espelham o papel da mulher na sociedade.

O fato da revolução feminina ter se constituído em um dos maiores acontecimentos do século XX refletiu em mudanças dos papéis e ideais femininos e, conseqüentemente no comportamento das personagens, principalmente porque os contos de fada e os desenhos infantis são, em parte, um reflexo da busca da identidade da mulher (Corso, 2014). Dessa forma, características no estilo das personagens, nas roupas utilizadas, bem como no conteúdo dos desenhos da atualidade voltado ao público infantil, transformou-se juntamente com a cultura, atualizando-se em seu formato para acompanhar a evolução dos papéis, principalmente o da mulher.

O consumismo tornou-se muito expressivo na contemporaneidade e o mercado apresenta-se de forma muito sedutora, inclusive para o público infantil. Atualmente, as mulheres dispõem de uma gama imensa de produtos, para torná-las atraentes e

sedutoras (Silva, & Rey, 2011). A questão do consumo está intimamente ligada à falta, pois não podemos deixar de ressaltar o quanto consumir e desfrutar de tudo que é socialmente oferecido às mulheres, torna-se uma forma de garantir a identidade na constituição da feminilidade (Silva, & Rey, 2011). Portanto, consumir, tomando como exemplo joias e adereços diversos, mas também diferentes do usual, tais quais as *Monster* usam em larga escala, consiste também em uma maneira de reafirmação do papel de mulher, que se utiliza destes artifícios para garantir sua posição feminina.

As *Monster High* representam um exemplo da mudança nas questões referentes à feminilidade em vários aspectos. Tendo em vista a cultura e o meio social no qual estamos inseridos, as *Monster High* apresentam-se como um reflexo dos novos tempos em termos de figura feminina, ou seja, mulheres diferentes, com opiniões próprias, capazes de se colocarem de forma igualitária aos homens, em relação a

diferentes assuntos, tais como o discurso acerca de si mesmas, profissão, relacionamento, sexualidade.

No que se refere à identificação feminina, as personagens têm muito a oferecer. Como já aludido, as *Monster High* oferecem uma variedade de traços identificatórios, expondo-se de distintas maneiras, porém, não deixando a feminilidade de lado. Pode-se dizer que aumentaram as ofertas de modelos, acompanhando a demanda social. Ademais, cabe considerar que, por estarem as meninas em constituição, o brincar, tão essencial no processo do vir a ser, é de extrema importância na construção de uma resposta ao Outro parental. Assim, brincando de ser uma *Monster*, as meninas saem do lugar de objetos ideais do Outro, e isso permite que, por meio da fantasia, idealizem uma realidade diferente da sua, na qual a ousadia e a diferença consistem numa projeção do futuro, passível de realização, logo mais quando o “vir a ser grande”, passe a “ser grande” efetivamente.

Referências

- Alves, I. (2002). Imagens da mulher na literatura e na modernidade e contemporaneidade. In S. L. Ferreira, & E. R. Nascimento (Orgs.), *Imagens da mulher na cultura contemporânea* (pp. 85-98). Salvador, BA: NEIM/UFBA.
- André, S. (1994). *O que quer uma mulher?* Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar.
- Aran, M. (2000). Feminilidade, entre psicanálise e cultura: esboços de um conceito. *Physis*, 10(1), 169-195. doi:10.1590/S0103-7331200000100008
- Ariès, P. (2011). *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro, RJ: LTC.
- Bauman, Z. (2011). *44 cartas do mundo líquido moderno*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar.
- Beauvoir, S. (1980). *O segundo sexo: fatos e mitos*. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira.
- Bonfim, F. G., & Vidal, P. E. V. (2009). A feminilidade na psicanálise: a controvérsia sobre a primazia fálica. *Fractal: Revista de Psicologia*, 21(3), 539-548. doi:10.1590/S1984-02922009000300009
- Corso, M. (2014, 18 de janeiro). Menos boazinhas, mais complicadas. *Jornal Zero Hora*, p. 6.
- Corso, D. L., & Corso, M. (2011). *A psicanálise na terra do nunca: ensaios sobre a fantasia*. Porto Alegre, RS: Penso.
- Di Paolo, A. F., & Barros, C. V. (2010). Considerações acerca do brincar e do estatuto da fantasia a partir de proposições teóricas que baseiam a pesquisa IRDI. *Estilos da Clínica*, 15(1), 178-193.
- Erner, G. (2012). *Sociologia de las tendencias*. Barcelona: Gustavo Gili.
- Freud, S. (1996). Feminilidade. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad.; Vol. 22, pp. 113-134). Rio de Janeiro, RJ: Imago (Trabalho original publicado em 1932).
- Freud, S. (1996). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 7, pp. 119-217). Rio de Janeiro, RJ: Imago (Trabalho original publicado em 1905).
- Gomes, P. B. M. B. (2000). *Princesas: produção de subjetividade feminina no imaginário de consumo* (Dissertação de mestrado). Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Hall, S. (2006). *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro, RJ: DP&A.
- Jerusalinsky, A. (2004). *Psicanálise e desenvolvimento infantil: um enfoque transdisciplinar*. Porto Alegre, RS: Artes e Ofícios.
- Jerusalinsky, A. (2013, 7 de abril). Faltam Homens? *Jornal Zero Hora*, p. 26.

- Kehl, M. R. (2002). Sexualidade recontextualizada. In S. L. Ferreira, & E. R. Nascimento (Orgs.), *Imagens da mulher na cultura contemporânea* (pp 11-22). Salvador, BA: NEIM/UFBA.
- Kehl, M. R. (1998). *Deslocamentos do feminino: a mulher freudiana na passagem para a modernidade*. Rio de Janeiro, RJ: Imago.
- Kupfer, M. C., Jerusalinsky, A., Bernardino, L. F., Wanderley, D., Rocha, P., S. B., Molina, S., ..., Lerner, R. (2010). Valor preditivo de indicadores clínicos de risco para o desenvolvimento infantil: um estudo a partir da teoria psicanalítica. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 13(1), 48-68. doi:10.1590/S1415-47142010000100003
- Minayo, M. C. S., & Deslandes, S. F. (2008). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Nasio, J. D. (2007). *Édipo: o complexo do qual nenhuma criança escapa*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar.
- Nasio, J. D. (1997). *Lições sobre os sete conceitos cruciais da psicanálise*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar.
- Silva, D. Q., & Folberg, M. N. (2008). De Freud a Lacan: as ideias sobre a feminilidade e a sexualidade feminina. *Estudo de Psicanálise*, (31), 50-58. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372008000100007
- Silva, H. C., & Rey, S. (2011). A beleza e a feminilidade: um olhar psicanalítico. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 31(3), 554-567. doi:10.1590/S1414-98932011000300009
- Soler, C. (2005). *O que Lacan dizia das mulheres*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar.
- Tavares, E. E. (1996). O brincar na clínica com crianças. *Revista da Appoa*, pp. 54-66. (Palestra proferida na "1ª Jornada Clínica de Psicologia" da Unijuí).

- Valdivia, O. B. (1997). *Psicanálise e feminilidade: algumas considerações*. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 17(3), 20-27. doi:10.1590/S1414-98931997000300004
- Víctora, C. G., Knauth, D. R., & Hassen, M. N. A. (2000). *Pesquisa qualitativa em saúde: uma introdução ao tema*. Porto Alegre, RS: Tomo Editorial.

Juliana Speguen do Canto

Psicóloga, graduada pela Universidade Luterana do Brasil – ULBRA, Torres-RS. Brasil.
E-mail: juspeguen@hotmail.com

Mercês Sant'Anna Ghazzi

Mestre em Psicologia Clínica pela PUC-RS. Professora do Curso de Psicologia da Faculdade São Francisco de Assis, Porto Alegre-RS. Brasil.
E-mail: nmm.ez@terra.com.br

Endereço para envio de correspondência:
Rua Otto Alfredo Muller, 71, Ap. 1503. Centro.
CEP: 95590-000.
Tramandaí-RS. Brasil.

Recebido 22/10/2014
Aprovado 02/08/2016

Received 10/22/2014
Approved 08/02/2016

Recibido 22/10/2014
Aceptado 02/08/2016

Como citar: Canto, J. S., & Ghazzi, M. S. (2016). Monster High e o modelo de feminilidade na atualidade. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 36(3): 625-636. doi:10.1590/1982-3703001452014

How to cite: Canto, J. S., & Ghazzi, M. S. (2016). Monster High: a reflection about the feminine model in our time. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 36(3): 625-636. doi:10.1590/1982-3703001452014

Cómo citar: Canto, J. S., & Ghazzi, M. S. (2016). Monster High y el modelo de feminidad en la actualidad. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 36(3): 625-636. doi:10.1590/1982-3703001452014